



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14876 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

### FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: QUESTÕES SOBRE A HUMANIZAÇÃO

Simone de Magalhães Vieira Barcelos - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Glenda Carla da Silva - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Renata Ramos da Silva Carvalho - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

### FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: QUESTÕES SOBRE A HUMANIZAÇÃO

Nas sociedades gregas antigas, de acordo com Vernant (2008), o conhecimento estava profundamente baseado na religião e nas cosmogonias para se compreender a origem do mundo, a composição, a ordem e os fenômenos meteorológicos. Entre os séculos VIII e VII a. C, com o surgimento da pólis (cidade), a forma com que os seres humanos se relacionavam mudou significativamente, formando um modo singular que os distinguiu dos demais povos, os chamados bárbaros.

Nesse contexto, o uso da escrita e da oratória passaram a ser mais comuns aos cidadãos, que por sua vez, se deslocavam para o centro da cidade, nas praças públicas (ágoras), para discutir e argumentar sobre questões da vida em comum. Deste modo, quando a mitologia não foi suficiente para explicar os acontecimentos e sanar as dúvidas, nasce a filosofia, que etimologicamente significa “amor pela sabedoria” ou “amizade pelo saber” (Vernant, 2008). Segundo o dicionário de filosofia Nicola Abbagnano (2007), esse conceito possui muitos significados, contudo, o que mais se relaciona com todos eles é: o uso do saber em proveito do homem.

No que tange a isso, a motivação para se realizar esta pesquisa surgiu a partir de ricos diálogos com uma docente do curso de pedagogia/UEG/Inhumas, a qual leciona disciplinas da área de fundamentos da educação, componentes curriculares que contribuem para a formação do pedagogo, dentre eles, “Filosofia da educação”, “Bases do Pensamento Pedagógico” e “Pedagogia, Formação e Trabalho”. Desta forma, dada a importância de se pensar sobre a filosofia buscou-se neste escritor refletir acerca da seguinte problematização:

Qual é a importância do filosofar nos anos iniciais do ensino fundamental para uma formação crítica e humanizadora?

Esse estudo se constitui como uma pesquisa qualitativa, explicativa e de cunho bibliográfico, pois assim como afirma Gil (1998), se utiliza de livros e artigos como base para a sua fundamentação teórica. Desse modo, buscou-se suporte em importantes autores, dentre eles: Chauí (2018), Vernant (2008), Freire (1995), Brandão (2009), Saviani (2012), Coêlho (2012) e Lopes (2023). Assim, essa tessitura apresenta como objetivos: refletir sobre os diferentes tipos de educação; pôr em questão a educação escolar e os modos tradicionais de ensinar e aprender na atualidade; explanar sobre o que significa filosofar na sala de aula; elucidar acerca da importância do ato de filosofar nos anos iniciais do ensino fundamental.

A gênese da educação, segundo Saviani (2012), está profundamente ligada à história da humanidade. Desde o surgimento das primeiras sociedades tribais na pré-história, desenvolveu-se uma forma de educação integrada à vida cotidiana, transmitida de maneira prática e oral, de geração em geração. A aprendizagem ocorria por meio da imitação e participação nas atividades diárias, rituais e cerimônias das tribos. Com o passar do tempo e da evolução do ser humano, a educação foi adquirindo novas características e significados (Ribeiro, Souza e Lima et. al., 2008).

Brandão (2009), por meio de um diálogo com o lavrador Antônio Cícero de Souza (Ciço), em Minas Gerais, na estrada entre caldas e Andradas, no ano de 1980, mostra diferentes concepções de educação. Uma delas, com caráter informal, é baseada e internalizada por meio das vivências dos próprios sujeitos, um exemplo claro dado por “Ciço” e pelo próprio autor é a Folia de Reis que é aprendida pelas crianças por meio da observação, e por vezes, com os ensinamentos do próprio pai. Um outro tipo de educação é a escolar, aquela que é efetuada dentro de instituições escolares. Esse último tipo é formado pela educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. Desta forma, no que se refere ao pedagogo, ele é um profissional que atua em ambientes escolares e não escolares. Os espaços escolares são: educação infantil, ensino fundamental, como também gestão escolar. Entretanto, bem como afirma Chauí (2018), dentro da sala de aula, muitas vezes o docente se colocano lugar do conhecimento, assumindo o papel de transmissor de conteúdo e detentor de todos os saberes. Essa visão está relacionada a um ensino conteudista pautado na memorização e repetição.

No que lhe concerne, isso não ocorre somente no processo de ensinar como também no de aprendizagem. Os estudantes, sobretudo os do ensino médio e superior, vão procurando as partes mais certas do conteúdo e quando se deparam com uma situação que os leva a questionar, se sentem frustrados, abandonando a fome de conhecer a partir das provocações internas e externas a ele (Chauí, 2018). Esse aspecto possui características da escola tradicional. Segundo Lopes (2023), a disciplina de filosofia, apesar de ser indissociável da formação e da educação, historicamente, tem-se mostrado como objeto de debate das políticas públicas, sendo posta ora como necessária e ora como desnecessária à formação, seguindo um

permanente jogo de disputas e interesses econômicos. Nessa conjuntura, é preciso entender o significado do ato de filosofar em sala de aula. Para Chauí (2018), fazer filosofia seria um conhecimento, um instigar à pesquisa e à produção do saber, um contínuo, exercício da dúvida, reflexão, a incansável busca pelo verdadeiro.

Essa inquietação levaria ao exercício do pensamento, da indagação, da elevação da criticidade. Freire (1995) recorda que a pergunta é indispensável para a aprendizagem pois quando se admite o não saber, se abrem possibilidades para aprimorar conhecimentos, conhecer o que não se sabe e até mesmo produzir conhecimento. Nesse ínterim, essa atitude seria importante tanto para educadores como para discentes, pois assim, o professor deixaria de ser o centro para ser aquele que busca conhecimento e contribui para a formação do educando, e este por sua vez, abandonaria a condição de receptor para ser partícipe do processo de ensino e aprendizagem.

Chauí (2018) argumenta que é notório admitir que a relação entre professor e aluno é assimétrica e amorosa. Assimétrica porque existe uma desigualdade a ser vencida pelo pensamento e amorosa pois tem a capacidade de fazer com que o estudante crie o desejo de fazer filosofia. De uma forma mais particular, nos anos iniciais do ensino fundamental compreendido entre o 1º e o 5º ano, com crianças com idade entre 6 e 10 anos, a atitude de filosofar também precisa persistir. O professor deve ser aquele que ensine o educando a pensar sobre si e sobre o mundo o qual está inserido. Pensar, refletir, humanizar-se é um direito da criança.

Todavia, nem sempre esse sujeito conseguiu viver plenamente a sua infância em sentido amplo. Segundo Ariés (1981), durante o período denominado como Idade Média, que data do século V ao XV, não havia distinções entre a vida adulta e a infantil, assim como a educação na infância se desenvolvia no cotidiano juntamente com a comunidade. A primeira idade da criança era determinada até o momento que ela começava a falar, isto é, a partir dos sete anos de idade o infante já era inserido na vida adulta. Esses menores não tinham vínculos afetivos com seus pais em razão das mães terem inúmeros filhos e o infanticídio ter sido algo comum naquele tempo.

Com o início da Idade Moderna, que teve início no século XVI e se findou no século XVIII, ocorreu a ascensão da burguesia. Nessa situação, segundo Ariés (1991), com a dissolução da hierarquia feudal, as concepções de infância adquiriram aspectos particulares voltados para o conceito de natureza infantil de vir -a -ser, como ser contraditório e como ser inocente. As relações familiares foram tornando-se mais particulares com premência à vida doméstica, onde o casamento tinha como ponto de aproximação o amor romântico. O relacionamento entre mãe e filho era baseado na afetividade e no bem-estar da criança acima de tudo e qualquer coisa. Outrossim, na Idade Moderna, a inocência deste foi sendo preservada, o que contribuiu para o surgimento da necessidade das instituições educativas preservarem esses sujeitos da convivência com as mazelas do mundo adulto (Ariés, 1991).

A ideia de criança como vir a ser significa que ela é um sujeito inacabado que apenas caminha rumo a ser. O vir a ser do infante seria atingir o status de adulto, e para que isso seja possível, as instituições educacionais tinham o papel de prepará-lo para etapa educacional posterior e para o futuro. Ainda com relação a perspectiva da noção de natureza infância infantil tem-se a criança como ser contraditório. Nesse circunscripto, esse termo é determinado a partir das características que o adulto atribui para o menor, formando deste modo, uma imagem de infância como tempo de contradições (Goiânia, 2004).

A concepção de criança como sujeito de direitos reconhece que esse ser tem maneiras específicas de se relacionar com o mundo social e físico, o que o torna produtor de uma cultura. Deste modo, esse infante é um sujeito sócio-histórico cultural em razão de ser o resultado de um processo histórico e ser fruto das relações sociais e culturais que ele estabelece. Além, afirmar que a criança possui direitos significa que ela está sujeita a direitos que são iguais para todos (Goiânia, 2004).

Em suma, pode-se concluir que o filosofar nos anos iniciais do ensino fundamental é muito importante pois, como afirma Lopes (2023), contribui para a formação da autonomia; estimula o pensamento crítico ao se questionar sobre si e sobre o outro; desenvolve a capacidade argumentativa; incentiva a criatividade; desperta a curiosidade; desenvolve a capacidade de reflexão. Freire (1995), acredita que a curiosidade é fundante para atividade do pensar e da aprendizagem e o professor deve trabalhar de modo que a criança vá da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. Deste modo, reconhece-se com Coêlho (2012) e Chauí (2018) que uma educação e formação que considere o filosofar e a crítica como fundantes do trabalho de confirmação de humanização do homem e isso supõe que a relação entre professor e aluno seja uma permanente busca pelo saber e um contínuo exercício do pensamento e da reflexão sobre o mundo, sobre as questões humanas.

**Palavras-Chave:** Educação. Criança. Filosofar. Filosofia.

## **REFERÊNCIAS:**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARIÉS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Antônio Cícero de Souza. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Lutar com a Palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982 (p. 159-169)

CHAUÍ, Marilena. Ensinar, aprender e fazer filosofia. In: SANTIAGO, Homero. (Org.) **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Vol. 6. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.) Escritos sobre o sentido da escola: uma introdução. In: **Escritos sobre os sentidos da escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2012.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. 1. ed. São Paulo: Olho d'água, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação: **Saberes sobre a infância**, 2004.

LOPES, Monaliza Alves. **Filosofia e Infância: questões sobre autonomia**. Tese (Mestrado em Educação), Unidade Universitária de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

RIBEIRO, Max Elisandro dos Santos; SOUZA, Karla Isabel de; LIMA, Caroline Costa Nunes; SGANZERLA, Cláudia Mara; BONETE, Willian Junior. **História da educação: Grupo A**, 2018. E-book. ISBN 9788595024724. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595024724/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil: História e Teoria**. 2º ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Tradução: FONSECA, Ísis Borges da. 17. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2008.